

Autora Bestseller de *Já Sou Normal?*
e *Isto Só Acontece nos Filmes*

HOLLY BOURNE

SERÁ

QUE O

AMOR

É ISTO?

«Um romance sincero que revela
a maior lição de todas:
a de que ninguém é perfeito.»

South Wales Daily Post

FÁCIL SE
for COM a
PESSOA
CERTA

TOP
SEL
LER

#BLISS

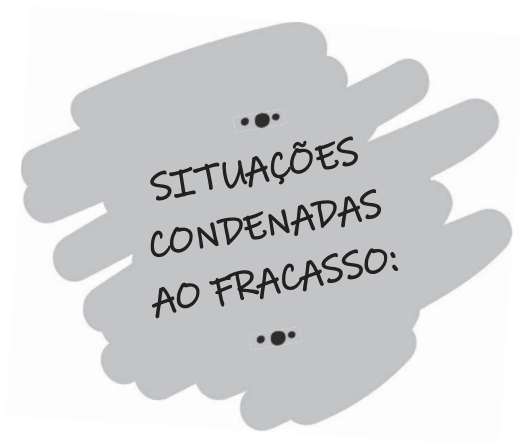
*DEMAZIADO DIFÍCIL

DRA-
MÁ-
TICO

PRATICAMENTE
IMPOSSÍVEL

DESOLADOR

SERÁ QUE QUERO SABER?



A ressaca mais horrível do mundo

+

Uma viagem de avião de dez horas

+

Um lugar em classe turística

+

Medir 1,80 m



Não vomites em cima dos miúdos... Não vomites em cima dos miúdos...

As suas pequenas cabeças balanceavam à minha frente na fila para o embarque. O meu estômago deu mais uma volta e eu levei as mãos à barriga. Se me agarrasse com força às entranhas, com um pouco de sorte, elas não verteriam para cima das animadas cabeças dos miúdos à minha frente.

Não tinha a certeza, mas vomitar em crianças inocentes podia comprometer a minha aceitação num voo de longo curso.

Porque bebera eu aquele último shot na noite anterior? Porquê? Oh, porquê? PORQUÊ?!

Mais à frente, a assistente de bordo verificou outro bilhete e fez sinal ao passageiro para que entrasse. A fila avançava pouco a pouco, sob as intensas luzes fluorescentes da sala de embarque. O avião esperava do outro lado da janela ampla. Parecia ser demasiado pequeno para levar toda aquela gente até aos Estados Unidos. Era branco, como o cavalo do impetuoso cavaleiro que salva sempre as princesas dos contos de fadas. Mas eu não era nenhuma princesa, e podia muito bem salvar-me

a mim própria, obrigadíssima. Tudo aquilo de que precisava era que aquele avião me levasse para bem longe da minha madrasta malvada.

O meu estômago revoltou-se uma vez mais quando recordei a festa de despedida.

— Olha para o estado dela — disse a Penny, a minha madrasta, alto o suficiente para que toda a fila a ouvisse. Estávamos naquela parte irritante do processo aeroportuário em que toda a gente se dá conta de que não pode levar nenhum tipo de líquido e atira as garrafas para sacos de plástico transparentes.

— Ei, eu estou mesmo aqui. — Revirei os olhos porque sabia que isso a irritava e emborqueei o resto da água na garrafa.

Ela ignorou-me.

— Não vão deixá-la embarcar.

Olhei para o meu pai desesperada à procura de ajuda. Ele conteve um sorriso.

— Tem calma, Penny. Pensa em todos os tipos bêbedos que diariamente embarcam para Las Vegas depois das festas de despedida de solteiro.

— Eu não estou bêbeda! — protestei, o que fez com que cerca de dez pequenos grupos de viajantes parassem a olhar.

O meu pai riu-se e abraçou-me. Agarrei-me a ele e, recostada no seu ombro, aspirei o seu odor. Isso ajudou-me a reprimir a náusea.

— Claro que não estás bêbeda, minha querida. Apenas ressacada. Foi uma festa de despedida e tanto. Embora cheires a bêbeda. — E, depois de me cheirar de propósito, afastou-me. — PUF!

— Tomei duche esta manhã...

E era verdade. Mas também tinha suado os shots de sambuca da véspera no caminho para o aeroporto.

O meu pai abraçou-me de novo.

— Nesse caso, anda cá.

Teria sido um momento terno se a Penny não estivesse ali. Contudo, ela insistia em estar sempre presente, como se temesse que, se eu ficasse

uns instantes a sós com o meu pai, conseguisse convencê-lo de que ela não passava de uma cabra perversa e manipuladora. E devo reconhecer que não hesitaria em tentá-lo. Claro que também não podia faltar o Craig, para estragar o momento. Porque é impossível ter a típica madrastra malvada sem o estereótipo do meio-irmão malvado.

Como se tivessem ensaiado, o Craig olhou-me dos pés à cabeça e disse:
— Cheiras como a tua mãe.

Como se atrevia ele, COMO SE ATREVIA, COMOSEATREVIACOMOSEATREVIACOMOSEATREVIA? Nublou-se-me a vista e, num ato reflexo, o meu pé saiu disparado em direção à canela dele.

O pirralho gritou e atirou-se para o chão... a fingir.

A Penny e o meu pai entraram em modo de defesa e estalou o caos habitual.

— AMBER! PEDE JÁ DESCULPA AO CRAIG!

— CRAIG, ESTÁS BEM? NÃO CHORES.

— Estás louca, tal como ela — acrescentou o Craig, do chão.

O meu pai segurou-me quando me lancei novamente a ele.

— Amber, não!

Retorci-me nos braços do meu pai. A Penny colocou-se diante do filho com afã protetor e lançou-me o seu olhar demoníaco. Dir-se-ia que eu tinha atacado o Craig sem nenhum motivo e que ela não tinha ouvido o que ele acabara de dizer.

As pessoas olhavam, incluindo os seguranças. O meu pai tentou acalmar-me. Sussurrou «Chiu!» ao meu ouvido e acariciou-me o cabelo, enquanto eu gritava:

— Retira o que disseste! Retira já o que disseste!

— Amber, acalma-te. Assim não te vão mesmo deixar embarcar...

Olhei em redor. Vi que se aproximava um tipo fardado. A Penny viu-o ao mesmo tempo que eu. Apercebi-me do conflito no rosto dela: dar-me um raspanete ou fazer uma cena... Optou por não fazer uma cena.

— Silêncio!

Aquela ordem era para mim e para o filho dela.

O Craig e eu fulminámo-nos com o olhar, mas endireitámos as costas e fizemos de conta que não era nada. O segurança parou à nossa frente, observou-nos e em seguida regressou ao seu pequeno posto, de onde tinha saído.

Suspirei. Tinha *tanta* vontade de vomitar. E teria gostado de me despedir do meu pai... a sós. Lancei a garrafa de plástico para o caixote amarelo e não levantei mais a cabeça.

— Pede desculpa, minha menina — exigiu a Penny.

Apertei as alças da mochila para que assentasse melhor e senti-me de súbito *muito* zangada. Com a estúpida da minha madrastra. Com o idiota do meu meio-irmão. Com o meu pai. Por não ralar com o Craig, por *nunca* ralar com o Craig...

— Ele também devia pedir desculpa pelo que disse!

— Falei a sério — gritou o Craig atrás da Penny. E o meu pai teve de me segurar para não me atirar novamente ao piralho.

— Querem saber uma coisa? Estou-me borrifando para isto. — Virei as costas e avancei furiosa para a fila da segurança, sabendo que não podiam seguir-me.

— Amber? AMBER! — chamou o meu pai.

Ignorei-o e continuei a andar.

— Amber, então?! Diz adeus como deve ser.

— Adeus como deve ser — atirei por cima do ombro, e avancei ao mesmo tempo que tirava o cartão de embarque. Foi a última coisa que lhe disse em seis semanas.

Não vomites em cima dos miúdos. Não vomites em cima dos miúdos.

As duas raparigas em frente pareciam bastante tranquilas, desconhecendo o perigo em forma de vomitado que pairava sobre elas. Trocavam postais de cachorros cor-de-rosa entre si enquanto os pais se

preocupavam com os passaportes, verificando vezes sem conta se estes ainda estavam no mesmo bolso.

Eu estava tão furiosa com o meu pai. Era o que acontecia dez milhões por cento do tempo. O que me lixava na cena do aeroporto era que nem sequer se tratava de uma coisa extraordinária. Era o normal entre o Craig, a Penny e eu... com o meu pai empenhado em manter a paz, em vez de se manter ao lado da sua única filha. Estava tão cansada de lutar, tão cansada de me sentir excluída.

Estava cansada de sentir saudades da minha mãe...

A fila para o embarque avançou lentamente, e as pessoas que a formavam avançaram também, arrastando as malas. O meu estômago queixou-se dos ovos gomosos que comera no restaurante da zona de embarque, enquanto chorava em silêncio sob as intensas luzes de néon.

Se ao menos conseguisse não vomitar...

Se ao menos conseguisse parecer suficientemente normal para me deixarem entrar no avião...

Assim o verão poderia começar. Eu poderia estar com a minha mãe, perceber o que correra mal e o que fazer para ela regressar e eu começar a sentir-me novamente inteira.

Chegou a vez da família à minha frente, e as miúdas corriam por entre as pernas dos pais enquanto perguntavam a que altitude ia o avião, a que velocidade, se mostravam filmes da Disney durante o voo... Só não fizeram a pergunta mais importante de todas: «A rapariga atrás de nós com um ar nauseado vai vomitar nas nossas cabecinhas?»

A família avançou e afastou-se da ameaça de que lhes vomitasse em cima. Era a minha vez. Respirei fundo, desviei o cabelo da cara e avancei para mostrar o passaporte.

Faz um ar apresentável. Faz um ar apresentável. Faz um ar apresentável.

A assistente de bordo estava demasiado maquilhada. Concentrei-me nas bochechas carregadas de base compacta enquanto ela aceitava o meu passaporte. Ao sorrir, as bochechas pareceram rachar-se.

Evie: Não nos deeeeeeeeeeeeeeeeeixes!!!!!!!

O meu sorriso desapareceu. Ia sentir tantas saudades delas!

As mensagens desencadearam uma recordação da noite anterior:

— AMANHÃ POR ESTA HORA ESTAREI NO CÉU.

Tínhamos apanhado um táxi até Dovelands Hill logo depois de o bar ter corrido connosco. Era a nossa colina. Tínhamos subido até lá na noite em que nos tornáramos amigas. Pus-me de pé no banco, inclinei a cabeça para trás e aponte para a escuridão do firmamento que se estendia acima de mim, quase caindo ao fazê-lo.

A Evie agarrou-me o braço e segurou-me.

— Desce, Amber. Sou demasiado pequena para te apanhar.

— AMÉRICA, AQUI VOU EU!!!

A Lottie estava a dançar sem música no declive coberto de erva, rotopiando com os braços abertos.

— Amber, vou ter tantas saudades tuas! Posso meter-me na tua mala e ir contigo? — indagou, dando voltas e mais voltas até cair na relva e desatar a rir-se.

— Socorro — disse a Evie. — Vocês estão demasiado bêbedas para eu tomar conta das duas. Amber, agarra a minha mão.

Olhei para o céu uma vez mais, antes de lhe dar a mão e deixar que me conduzisse até ao solo. Estendi-me ao lado da Lottie, deitada de barriga para cima. A Evie suspirou e deitou-se ao nosso lado. Tínhamos as cabeças juntas e olhámos as três para o céu.

As estrelas rodopiavam.

— É bom que nenhuma de nós tenha piolhos — comentou a Evie.

— Só tu para pensares nisso — retorquiu a Lottie, o que era verdade.

Ri-me e mirei o firmamento, contemplando o universo a dar voltas e voltas...

— Mal posso esperar para ver a minha mãe — disse em voz baixa, com uma sensação boa na barriga. — Vai ser tão bom.

— Há quanto tempo não a vêes? — quis saber a Lottie.

— Há dois anos.

Gira, gira, gira, gira, gira.

— Bolas!

— Eu sei...

Afugentei alguns pensamentos, do tipo: «Ela nem sequer te convidou para o seu casamento», «Foste tu quem pediu para ir este verão, não foi ela» e «Porque teve ela de te deixar para recuperar a saúde?».

O álcool, como sempre, ajudou-me a fazê-lo.

— Temos seis semanas inteiras para estarmos juntas — disse ao céu. — Seis semanas perfeitas.

— Cuidado. — O cabelo da Evie fez-me cócegas na cara. — Não há nada que seja perfeito.

— Sobretudo se vais estar a trabalhar num campo de férias rodeada de miúdos americanos hiperativos — acrescentou a Lottie.

— Silêncio, suas negativas. — Fechei os olhos e sorri ao imaginar a expressão da minha mãe quando nos encontrássemos no aeroporto.

O sinal de apertar os cintos ainda não se acendera, por isso supus que era seguro responder às mensagens antes da descolagem.

Que grande ressaca!! O que faço metida num avião?!

Ajudem-me! Tenho uma dor de cabeça horrível!

Fechei os olhos e escutei os ruídos do avião: os bipes intermitentes, o ligeiro roncar do ar condicionado e as pessoas que, com descortês cortesia, organizavam as suas bagagens nos compartimentos superiores. Todas aquelas pessoas iam partilhar uma viagem comigo. Estaríamos juntos numa lata que sulcaria o céu durante dez horas e depois nunca mais voltaríamos a ver-nos.

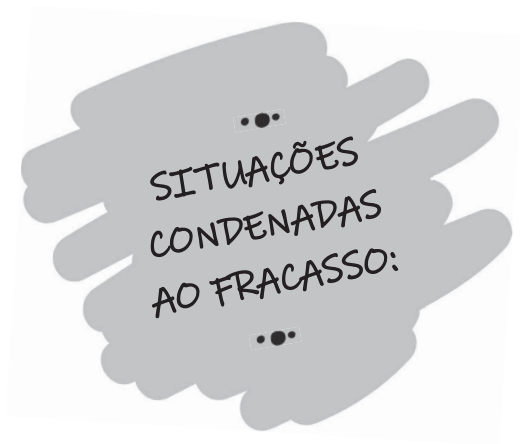
Voar era estranho.
Doía-me a cabeça.
Como *seria* voltar a ver a minha mãe?
Iria ela explicar-se?
Doía-me a cabeça.
O meu telemóvel apitou. Duas vezes.

Lottie: Não acredito que vais tomar conta de crianças de verdade! E americanas. Terão nomes como Hank?

Evie: Vai correr tudo bem! Pensa só, qualquer história que valha a pena ouvir começa com alguém da nossa idade a entrar num avião.

Todavia, eu não queria uma história que valesse a pena ouvir; queria apenas passar algum tempo com a minha mãe.

Também queria ignorar a voz irritante na minha cabeça que dizia que nada era assim tão simples quando se tratava dela.



Um reencontro emotivo

+

Uma mãe e uma filha
que não se dão muito bem com emoções

+

Dois anos sem se verem

[2]

Por um qualquer milagre da ciência, adormeci no avião. Talvez as minhas pernas só aguentassem ver-se tão apertadas estando eu inconsciente, ou quiçá fosse apenas a minha ressaca que soubesse o que mais me convinha. Em qualquer dos casos, adormeci ditosamente após a refeição servida a bordo, que consistia em salsichas que mais pareciam os cocós de crianças com prisão de ventre.

Quando acordei, sentia-me oito triliões de vezes melhor. Bocejei. Tentei espreguiçar-me. Massagei o pescoço dorido.

A dor de cabeça tinha desaparecido por completo. As náuseas também. Os miúdos que viajavam no voo 105HWSF estavam a salvo do meu vómito. Apalpei o assento e encontrei o controlo remoto para ver as opções de entretenimento. Fui carregando nos botões até aparecer o progresso do voo no ecrã.

Senti-me novamente enjoada.

Naquele momento, havia um oceano entre praticamente toda a gente que eu conhecia e o diminuto avião que sobrevoava a vasta extensão do noroeste dos Estados Unidos.

Segundo os cálculos em tempo real, aterroriáramos em breve.

Levantei-me sem avisar, e o controlo remoto foi bater no meu vizinho do lado.

— Desculpe. Preciso de ir à casa de banho.

Quase corri até ao lavabo minúsculo e tranquei a porta, encostando-me a ela. Respirei fundo e senti o odor a químico do líquido azul da sanita. Voltei a respirar fundo, enquanto o meu nariz se habituava àquele cheiro forte.

Respira, Amber, respira... é apenas a tua mãe. Tipo, a mulher que te trouxe ao mundo com o seu próprio corpo e que sente por ti um amor incondicional... apesar de ter emigrado para os Estados Unidos e nem sequer ter pensado em te levar.

Mas não foi ela quem decidiu ir viver para tão longe, pois não? Foi o idiota do Kevin Cara de Cu com o seu maldito queixo americano. Ele sabia que a minha mãe era vulnerável e levou-a para longe de nós depois de lhe ter feito uma lavagem ao cérebro. Além disso, existirá alguma coisa menos ética do que SE FAZER a uma pessoa que ele devia estar a tratar?

Puxei o autoclismo, e o ruído assustadoramente alto sobressaltou-me; foi o suficiente para me arrancar da ira que sentia.

Tinha seis semanas. Seis semanas para reparar todos os danos que ele causara e fazer com que ela voltasse para mim. Seis semanas para perceber o que se passara, o que tinha eu feito para que ela se fosse embora.

Quando consegui recuperar a compostura e regressar ao meu lugar, já era demasiado tarde para ver um filme. Assim, mergulhei a mão na mala e tirei o meu bloco de desenho. Do meio das folhas, caiu-me no colo a fotografia em que aparecia eu e a minha mãe e que copiara na semana anterior. Peguei-lhe e contemplei-a durante algum tempo; ver o rosto dela fez com que as minhas entranhas se contorcessem. O meu pai tirara aquela foto da última vez que ela me visitara na casa dele.

Estávamos no jardim; reconheci a roseira em fundo e lembrei-me da fita que a Penny fizera ao vê-la chegar («Não entendo porque tenho de receber ESSA mulher na MINHA casa»). Posámos sorridentes, mas tinha bem gravado na memória o péssimo dia que passara. O desconsolo com que chorara quando ela se despedira de mim. Foi o dia em que me contou que se ia mudar para a Califórnia. O dia em que qualquer esperança de que o Kevin Cara de Cu não a afastasse de mim se desvaneceu, como uma névoa soprada por um vento forte.

— Está tudo bem — garantira ela. — Virei visitar-te muitas vezes.

Tinham passado dois anos desde então, e era eu quem se dispunha a visitá-la.

Com a mala repleta de protetor solar fator 50, roupa de campo de férias e perguntas sem resposta.

Saquei do meu lápis 2B preferido e fiz o que sempre fazia para afastar os pensamentos: desenhar.

Foi uma aterragem agitada. Costumo ser uma passageira calma, mas quando o avião começou a agitar-se e a inclinar-se para a pista, dei por mim a agarrar-me ao gigante ao meu lado e a pedir mil desculpas.

— Vamos morrer? — perguntei-lhe, a apertar a carne que lhe sobrava no braço. — O que fizemos para o avião nos querer matar?

— É o nevoeiro — explicou ele, com um tranquilo sotaque americano. — São Francisco está sempre coberta de névoa, e os aviões não apreciam.

Assim que as rodas tocaram em terra firme, olhei pela janela. Ao menos o tempo parecia acolhedor, com um cinzento omnipresente e uma chuva fina que molhava o vidro.

Virei-me para o gigante.

— Pensei que estávamos na Califórnia!! O tempo aqui é pior do que em Inglaterra.

O homem riu-se. Com sotaque americano, se isso era possível. Ou talvez agora fosse *eu* quem falasse com sotaque. Era essa uma das estranhezas de andar de avião: em dez horas, invertia-se quem tinha sotaque.

— Nunca ouviste a frase: «Nunca passei um inverno pior do que o verão que passei em São Francisco»? — perguntou ele.

Não entendi muito bem o que ele acabara de dizer, mas sorri com educação e olhei pela janela.

— Ao menos não ficarei com mais sardas — murmurei.

Aos poucos, o avião esvaziou-se de gente. Despedi-me do gigante, agradecendo-lhe o apoio moral, e andei que me fartei até à recolha de bagagem. O meu pai tinha-me alertado para a possibilidade de o controlo dos passaportes ser um pouco assustador, por isso entrei numa das centenas de casas de banho disponíveis para eliminar todo e qualquer vestígio da ressaca.

A segurança era assustadora, tal como se previa. O tipo tinha uma pistola, UMA PISTOLA DE VERDADE, e reparou no tremor dos meus dedos quando lhe entreguei o passaporte. Abriu-o com um gesto agressivo, como se o documento o tivesse insultado. Examinou a foto e eu corei. Era TÃO má. Fora tirada no ano passado durante uma onda de calor e o meu cabelo ocupava quase tudo.

— Qual a duração da sua estada? — rosnou ele.

— Hum... seis semanas?

Ele fitou-me com um olhar furioso, e eu recuei um passo.

— Porquê tanto tempo?

Estava demasiado amedrontada para ser sarcástica e dizer qualquer coisa do género: «Bem, ouvi dizer que era um país amável. Devo ter entendido mal.» Olhei para a pistola dele. Perdão: PISTOLAS, no plural.

— Hum... vou trabalhar num acampamento de verão?

Ele semicerrou os olhos escuros.

— Tem visto de trabalho?

— Não... — respondi, e vi que ele se preparava para carregar num botão vermelho. — Espere! Sim, tenho. Bem, sim e não. Não vou trabalhar oficialmente, porque só tenho 17 anos. A minha mãe é casada com um americano dono de um acampamento de verão. Vou ficar com eles, para visitar a minha mãe... E aproveito para os ajudar nas atividades, mas não é nada oficial... Tenho um papel de extensão do visto para 90 dias. Tome. — Mostrei-lhe a fotocópia que o meu pai insistira de que eu iria precisar.

Ele não respondeu e limitou-se a teclar. Teria metido a pata na poça? Iriam mandar-me de volta? Ainda cheiraria a sambuca?

— Olhe para aqui. — Pôs-me diante de uma coisa preta que emitiu um brilho vermelho contra o meu globo ocular e fez um clique.

Espera lá. Tinham acabado de fazer uma digitalização da minha retina? Isso era permitido? Estava metida assim em tantos sarilhos? O meu coração batia acelerado. Olhei em volta para ver se estavam a fotografar os olhos a mais alguém. Além de uma alarmante exibição de pochetes, tudo parecia normal.

No momento em que começava a passar-me da cabeça, o segurança abriu um sorriso de orelha a orelha cheio de dentes e devolveu-me o passaporte.

— Bem-vinda aos Estados Unidos da América — disse. — Espero que aprecie a sua estada.

Alcansei o terminal das chegadas ainda meio atordoada. Para quê a fotografia da retina? Seria uma violação das minhas liberdades civis? O que iriam fazer com a foto do globo ocular? Mantê-la numa qualquer base de dados? A Lottie iria aos arames se lhe contasse. Estava sempre a falar da nossa sociedade Big Brother, do Orwell e do 1984.

— Amber? Amber!

E, de repente, ali estava a minha mãe. A correr para mim. O cabelo tão ruivo quanto o meu, a ondear atrás dela. Foi como se o meu coração inflasse com todo aquele ar que me faltara durante dois anos.

— Amber — sussurrou e abraçou-me. E eu comecei a chorar. Abracei-a com força e aspirei o seu odor, a rosas. Ainda usava o mesmo perfume. A minha mala estava no chão e tínhamos provocado um engarrafamento nas chegadas, mas pouco me importava.

Por fim lá nos separámos.

— Vamos. — Pegou-me na mala. Vê-la afastar-se provocou-me um aperto no peito, embora pudesse segui-la. Dei-me conta de que ela não dissera que tivera saudades minhas. Virou-se para mim. — Deves estar morta de cansaço. Reservei-nos um quarto num motel para passarmos algumas horas juntas antes de seguirmos para o acampamento. E que tal uma curta visita a São Francisco?

— Parece-me... fabuloso.

Apanhámos um elétrico que nos levou até um parque de estacionamento com vários andares. As distâncias entre os diferentes pontos eram enormes, sobretudo quando comparadas com a pouca distância do estacionamento do aeroporto de Heathrow. A minha mãe tinha estacionado no piso superior, e ao sair do elétrico tremi de frio.

— Pensei que fazia calor na Califórnia — brinquei, subindo o fecho do casaco com capuz.

A minha mãe sorriu. Era o meu sorriso. Já me tinha esquecido de que tínhamos o mesmo sorriso. Era estranho vê-la de novo; não conseguia habituar-me à cara dela. Chocava-me. Era como se fosse uma desconhecida, mas ela não era nada disso; era a minha mãe.

— E faz, mas não em São Fran. Espera até chegares às montanhas. Faz tanto calor que depressa ansiarás por um nevoeiro frio.

Caminhámos por entre filas de automóveis e parámos abruptamente junto a um enorme veículo vermelho estilo *monster truck*, com rodas gigantescas e vidros escurecidos.

Porque diria ela São Fran? Quem diabo chamava São Fran à cidade? E porque estava tão tranquila? Eu tinha um nó nas tripas de tanta emoção contida.

— É o nosso. — Abriu as portas apertando um botão na chave.

Em Inglaterra, ela conduzia um *Mini* todo podre com a porta do passageiro emperrada. Nos fins de semana em que ficava comigo — quando se lembrava e aparecia —, anunciava a sua chegada buzinando em frente da casa do meu pai para irritar a Penny. Eu tinha de trepar por cima dela para entrar no carro ou sair dele.

— Vou precisar de um escadote para entrar nesta coisa — gracieji, na esperança de que a minha mãe captasse a opinião subjacente na minha «jocosidade».

Não o fez.

— És tão alta quanto eu. Não terás a menor dificuldade em subir.

Icei-me para o banco dianteiro enquanto a minha mãe arrumava as minhas coisas na bagageira. Procurei na mala o presente que tinha para ela e estendi-lho timidamente quando ela se sentou ao meu lado.

— É para mim? — perguntou ao ver a caixinha embrulhada.

Anuí, com nervosismo, esperando que ela gostasse... que entendesse.

— Oh, tão querida, não tinhas de me comprar nada.

Aceitou-a e desembrulhou-a com todo o cuidado, sem rasgar o papel e descolando a fita-cola com toda a delicadeza. Tirou a pequena caixa de joias e abriu a tampa. O meu coração batia com força.

— Oh, uau, Amber, é lindo!

— São os Talismãs da Morte! — disse, incapaz de me conter.

— Ah, sim, claro. — Tirou a brilhante corrente de prata da caixa e entrelaçou-a nos dedos para ver o pendente triangular. Sentia-me radiante comigo própria, e um pouco invejosa por não ter um também; gastara todo o meu dinheiro a comprar o dela.

— Fiz a visita guiada aos estúdios do Harry Potter — expliquei. — É tão incrível, quem me dera que tivesses visto. Seja como for, comprei

isto na loja do estúdio. É oficial. Aprovado pela J.K. Rowling. Gostas? A sério?

— Oh, sim. É lindo. Vou já pô-lo.

E assim fez, mas não consegui deixar de sentir que não estava animada o suficiente. Eu guinchara, literalmente, quando o vira na loja. Guinchara durante toda a visita guiada. Era a minha mãe quem me lia os livros na minha infância. Enroscava-se ao meu lado na cama e mantinha-me acordada para lá da hora de dormir, a conversar sobre as nossas personagens preferidas. Porque não estava ela a guinchar? Porque estava a dar à chave?

Com um amplo sorriso ainda estampado no rosto, insisti.

— Lembras-te daquela vez, na minha festa de anos, em que nos pintaste a Marca Negra no braço? E depois a mãe daquela rapariga, a Keira, se passou da cabeça?

A minha mãe esboçou um ligeiro sorriso, mas não foi suficientemente expressivo. Ou talvez eu estivesse a tentar ver mais do que era.

— Lembro-me — respondeu ela, mas não acrescentou nada à história. Limitou-se a fazer pisca para a esquerda para sair do parque de estacionamento. Talvez estivesse apenas cansada... sim, só podia ser isso.

Não tardámos a avançar em direção à cidade, por uma autoestrada cheia de veículos tão gigantescos quanto o nosso. A minha mãe tagarelava enquanto conduzia.

— Estou tão contente por vires ao acampamento, Amber. Eles vão adorar-te! O Kevin não tem falado de outra coisa. Mal posso esperar que o conheças como deve ser. Temos alguns dias antes de os miúdos chegarem, e depois será tudo a correr...

— Mãe?

— Sim, querida? — Desviou o olhar do para-brisas para mim.

— Tens... sotaque americano.

Ela levou a mão ao pescoço num gesto distraído.

— Tenho?

— Sim.

— Que estranho. Aqui toda a gente repara que sou inglesa.

— Deve ser por causa da pele muito clara com sardas, como a minha. — Sorri.

— Não. — Voltou a sua atenção para a estrada. — Dizem sempre: «Adoro o seu sotaque.»

Pois eu não adorava o sotaque dela.

A cidade estendia-se aos nossos pés, atravessada em parte pela densa camada de nevoeiro. Não me sentia sonolenta nem com os efeitos do *jet lag*, embora para mim fossem três da manhã. A sesta no avião mantinha-me desperta. Sentei-me direita, com a esperança de ver a famosa ponte Golden Gate. Mas havia apenas nevoeiro e o ocasional vislumbre cor de laranja.

— Não consigo ver nada — queixei-me.

— São Fran é mesmo assim.

Lá estava novamente o São Fran.

Metemo-nos no centro da cidade e deixámos de conversar para que a minha mãe se concentrasse na condução. Subimos colinas com inclinações impossíveis e cruzámos as linhas do elétrico. Olhei pela janela, tentando absorver tudo, sentindo-me uma verdadeira extraterrestre. As casas estavam todas pintadas com cores que podiam muito bem ser as de um gelado: pistácio, cereja, limão...

A minha mãe apontou para uma estrada escura à esquerda, com uma fileira de casas altas.

— É ali o centro onde faço voluntariado — disse. — Lembras-te de te ter contado?

— Sim, lembro. — Era o centro onde tinha conhecido o temível *Cara de Cu*. Uma filial inglesa. Como podia eu esquecer?

— Estamos quase a chegar.

Fez pisca para a direita e desceu para um parque de estacionamento subterrâneo. Depois desligou o motor e puxou o travão de mão.

— Chegámos! — exclamou ela com um sorriso enorme. — Vamos deixar as tuas malas no quarto e depois saímos para jantar. Deves estar faminta depois daquela porcaria de comida no avião.

Entrámos na receção do motel a puxar a mala e a minha mãe disse os nossos nomes. Senti um pequeno (um grande) aperto no coração quando ela disse o seu novo apelido, que não era o meu.

— Bem-vindas a Cow Hollow — cumprimentou a rececionista toda sorridente, como se estivesse de facto encantada de nos ter ali. — Uau, adoro o vosso sotaque. São inglesas?

Fizemos que sim com a cabeça e aceitámos a chave do quarto.

Talvez a diferença horária estivesse a começar a afetar-me, porque nada daquilo me parecia real enquanto percorríamos um labirinto de corredores à procura do nosso quarto, ou quando abrimos a porta para o maior quarto de hotel que alguma vez tinha visto, com camas do tamanho de países. Deixei-me cair numa delas, o meu longo corpo nem sequer abarcando toda a sua dimensão. A minha mãe sentou-se na cadeira da secretária e sorriu.

— Estás cansada, *hon*¹?

Ela não costumava chamar-me «hon». Outra americanice.

Virei-me de barriga para baixo, afundando-me no colchão macio. De repente, sentia saudades de casa; muitas. A euforia de ver a minha mãe já tinha passado e fora substituída por um desconcerto latente e pela sensação de estar... perdida.

Não conhecia aquela mulher. Não de verdade. Nem tão-pouco conhecia aquela cidade. Ou aquele país que a minha mãe preferira a mim.

— Estou bem. — Estiquei o braço para correr a cortina. O nevoeiro persistia lá fora, fazendo com que os carros na estrada principal parecessem borrões. Contudo, não os conseguia ouvir. O quarto devia ter vidros duplos. — Dormi no avião.

¹ Diminutivo de «honey», que em inglês significa «amor» ou «querida/o». [N. T.]

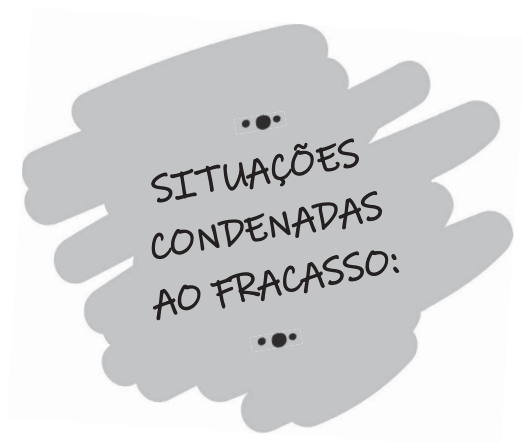
— Tens fome? Conheço um sítio ótimo nesta rua. É do mais americano que possas imaginar.

Na verdade, apetecia-me mais uma chávena de chá e torradas com *Marmite*² do que um festim ianque, mas não queria estragar o nosso encontro mostrando-me pouco animada.

Assim, larguei a cortina, olhei para a desconhecida que tinha metade da minha cara e obriguei-me a sorrir.

— Nham. Parece fantástico.

² *Marmite* é uma pasta castanha, salgada e pegajosa para barrar, feita de extrato de levedura. [N. T.]



Tagarelice

+

O maior pedaço de carne
que o mundo alguma vez viu



— Mãe, é como se alguém tivesse vomitado a América aqui dentro.

Passei junto a uma *jukebox* reluzente. O *diner* parecia o útero dentro do qual o filme *Brilhantina* fora gerado. As empregadas de mesa usavam perucas com penteados dos anos de 1950 e aventais pequenos e adoráveis. Para onde quer que olhasse, havia uma foto do Elvis Presley. Os comensais estavam sentados a um balcão branco alto, empoleirados em tamboretas brilhantes e a sorver batidos em copos altos adornados com cerejas caramelizadas.

A minha mãe riu-se pela primeira vez desde a minha chegada, e pediu uma mesa para duas pessoas. A nossa empregada conduziu-nos a uma daquelas mesas com assentos de costas altas e deu-nos ementas tão grandes que me escondiam a cara e o cabelo.

Não era capaz de evitar lançar olhares furtivos à minha mãe, como se ela fosse a minha paixoneta do secundário ou qualquer coisa do género. Espreitei por cima da ementa enquanto fingia ler o seu conteúdo. Ela tinha o cabelo puxado para o lado e observava serenamente a lista de pratos, pelos vistos sem reprimir o enorme poço de emoções, como

eu estava a fazer. Tinha um aspeto tão saudável. Mais magra, menos inchada. A roupa estava limpa e parecia nova, o que não devia ser algo de destaque, mas que o é quando se tem uma mãe como a minha. Usava até um cinto fino, com o qual cingia a camisa branca e comprida. Adeus às calças de fato de treino sujas com as quais aparecia para me ir buscar, adeus ao cheiro a bafio dissimulado com perfume barato.

— O que vais querer, *hon*?

Lá olhei para a ementa.

— Não sei. Talvez o hambúguer Pink Lady?

— Mmmm. Boa! Agora sim, estás na América.

A empregada de mesa aproximou-se, como se soubesse que já podia tomar nota dos nossos pedidos.

— O que vão desejar? — perguntou, segurando o bloco de notas.

— Vamos querer um hambúguer Pink Lady — respondeu a minha mãe. — E um batido. Amber, queres um batido? O de morango é ótimo.

Assenti sem dizer nada.

— E para mim uma salada de fruta. — E devolveu as ementas.

— Só vais comer uma salada de fruta? — indaguei. — Eu acabo de pedir quase metade de uma vaca, e tu vais mordiscar uma melancia?

— Ah, é que agora eu não como carne. Mas tu aprecia o que pediste.

— Como assim não comes carne? Sempre comeste.

A minha mãe exibiu um pequeno sorriso que não me agradou.

— Pois, mas agora já não. Em São Fran são raras as pessoas que o fazem. Queria levar-te a um restaurante de alimentos crus, mas não sabia se...

Calou-se ao mesmo tempo que a *jukebox* começava a passar a música ao som da qual o John Travolta e a Uma Thurman tinham dançado no *Pulp Fiction*. A Evie obrigara-nos a assistir ao filme por «razões educativas».

Nem podia acreditar que a minha mãe fosse VEGETARIANA. Desde quando? Ela costumava fazer um assado fantástico todos os domingos;

de cordeiro com o seu molho especial de menta. Bem, nem todos os domingos. Sobretudo não naqueles que se seguiram à sua vinda do hospital.

A comida chegou, e a piada que eu fizera acerca da metade de uma vaca transformou-se numa observação bastante acertada. O hambúrguer era uma torre que quase me chegava ao queixo e nadava num oceano de palitos de batata frita. Dei uma dentada enorme, e mesmo assim mal cheguei à carne. A minha mãe espetou elegantemente o garfo num bago de uva, e eu quase estremei. Era tudo diferente. Não previra que fosse tudo diferente.

— Então, estás ansiosa por ires dar aulas de arte aos miúdos?

Fiz que sim com a cabeça porque era o que ela desejava que eu fizesse, embora não tivesse pensado muito nisso. O Kevin Cara de Cu estabelecera como condição da minha visita que eu «fizesse a minha parte» e ajudasse no acampamento de felicidade e amor que ele comprara logo após o casamento; e ensinar arte parecia o mais indicado para mim. A minha mãe introduzira-me no mundo da arte ainda eu era muito pequena, e agarrara-me a isso como uma droga, quando ela se agarrara a... bem... outras coisas.

— Sim. Bem, os miúdos não são como o Craig, pois não?

A minha mãe soltou uma gargalhada e quase deixou cair o garfo.

— Não. Céus, não... Desculpa, não devia ter-me rido disso.

Trocámos um sorriso cúmplice.

— Ele continua a ser... mau? — perguntou ela.

Rememorei o comentário que ele tecera no aeroporto.

— Está cada vez pior.

De súbito, desejava que ela se sentisse culpada, ainda que o Craig não fosse culpa dela. Era culpa da Penny. E a Penny era culpa do meu pai. Porque ele trocara a minha mãe por uma antimãe amante de pérolas, de vestidos *Laura-Ashley* e de pastelaria.

Todavia, a minha mãe deixara-me com eles... para que sufocasse na nuvem de *Chanel N° 5* que a Penny usava, sem ninguém que me

apoiasse. Antes, ao menos ainda me restavam os fins de semana com ela, agora nem isso.

A minha mãe mudou de assunto com muito tato, algo novo nela. Antes, estávamos sempre a queixar-nos do Craig e da Penny, e passávamos os fins de semana juntas a criticá-los e a lamentar-nos por entre risinhos de cumplicidade, mais como irmãs do que como mãe e filha.

— Fala-me da escola. Como correram os exames finais?

— Acho que correram bem — respondi com a boca cheia de carne. — Terei os resultados quando regressar a Inglaterra. Penso que não me saí mal, mas o portefólio é o mais importante para entrar em Belas-Artes. E estou contente por já não ter de fazer Estudos Gerais.

— E como vais de amizades? Com quem andas ultimamente?

Engoli e sorri.

— Sou muito amiga de duas raparigas, a Evie e a Lottie. Conheci-as no início do ano escolar e demo-nos logo muito bem. A Evie é... bem, tem alguns problemas emocionais... — Senti a pontada de tristeza que sempre experimentava ao pensar na Evie. Ela tem POC e o ano passado sofreu uma enorme recaída. Mas está melhor... ou o que quer que signifique «melhor» quando se tem POC. — Mas é hilariante, muito inteligente e adora cinema. E fala quase sempre como uma avozinha. A sério, chegou a usar a expressão «cruz-credo» na minha festa de despedida.

— Fizeram-te uma festa de despedida? *Awesome*.

Estremeci ao ouvir a palavra «awesome».

— Sim, foi. — Não referi a bebedeira que apanhara. — E depois há a Lottie. Ela é, tipo, um génio, mas não quer sê-lo. O sonho dela é ir para Cambridge e tornar-se primeira-ministra, mas veste-se e comporta-se como uma *hippie*, toda ela rendas e croché. Encontra sempre um motivo de protesto. Ias gostar dela.

A minha mãe deu um gole no batido.

— É ótimo que tenhas uma amiga com convicções.

Uma agradável sensação de contentamento espalhou-se pela minha barriga cheia de carne de vaca.

— Bem, na verdade, nós as três formámos um clube. É uma espécie de clube feminista em que nos reunimos para falar dos direitos das mulheres. E também fazemos campanhas a favor de coisas. Por exemplo, conseguimos que tirassem da *jukebox* da escola aquela canção *pop* horrível sobre violação.

A minha mãe pousou o copo.

— A sério? — Os cantos da boca elevaram-se ligeiramente.

— A sério. — Fiquei inchada de orgulho. — Somos o Clube das Solteironas. Pegámos na palavra «solteirona» e demos a volta ao seu significado.

A minha mãe olhou para mim, olhou de facto. Estendeu a mão por cima da mesa para alcançar a minha.

— Isso deixa-me muito orgulhosa, *hon*.

Deixei-me impregnar pelo olhar que ela me dedicou. Era tão bom sentir-me... validada por ela. O meu pai ficava um pouco perplexo com toda a atividade do Clube das Solteironas. Não era de estranhar, na verdade, tendo em conta que se casara com a Penny, que era metade humana e metade pó de talco. Certo dia, escutara-a dizer ao meu pai que o meu feminismo era «uma fase».

— Então — disse a minha mãe, engolindo outro bago de uva. — Conta lá, há algum rapaz especial em Inglaterra?

Pousei o garfo.

— Mãe!

— O que foi?

— Estou a falar-te de todas as minhas atividades de feminista guerreira e tu desvirtuas tudo perguntando-me se tenho namorado.

Ela sorriu.

— Ora, sou tua mãe. Tenho o dever de perguntar.

E também tens o dever de não abandonar a tua filha...

Pus o hambúrguer no prato ao sentir a tensão nos músculos.

Não estragues tudo, não estragues tudo.

— Não, não há. De momento, não.

— Achas que nenhum deles é bom o suficiente para ti?

Senti mais tensão no pescoço.

— Sim, são todos infantis.

Não podia contar-lhe a verdade, que os rapazes... não me achavam atraente. Tipo, nunca. Sobretudo em comparação com as minhas amigas. Mesmo quando a Evie teve a recaída, havia rapazes atrás dela na escola. Quero dizer, prefiro ser ignorada a ter POC, mas ainda assim... Era toda uma proeza em termos de capacidade de atração. E que dizer da Lottie, que era um verdadeiro íman de rapazes? Eu não era feia de todo, sabia-o... era apenas demasiado *visível*. O termo «intimidante» já tinha sido usado em múltiplas ocasiões e por várias pessoas. Era como se as minhas diatribes feministas fossem menos atraentes porque sou alta, ruiva e menos bonita, ao passo que a Lottie e a Evie se safam com tudo o que disserem e fizerem. E é claro que não queria renunciar a tudo isso tão importante relacionado com o meu «eu» para conseguir ser apalpada numa festa. Mas ainda nem sequer tinha beijado ninguém, e isso preocupava-me.

Não queria que a minha mãe soubesse. Não queria dar-lhe mais provas de que o amor me iludia, porque temia que isso também a afastasse...

— Não te preocupes. — Espetou o garfo em dois morangos. — Haverá bastantes rapazes no acampamento.

— Não vim para conhecer rapazes, estou aqui para passar o verão contigo!

— Vou estar muito ocupada, por isso terás de fazer amigos.

Ocupada? Muito ocupada?! A enorme quantidade de carne que tinha no estômago solidificou-se e tornou-se cada vez mais pesada. Senti o suor a escorrer pelo corpo... era como se ela estivesse já a arranjar desculpas para me desiludir.

Não, Amber... não... não te ponhas a ver coisas que não existem.

Cruzei os braços diante do peito.

— Não TENHO de fazer nada.

— Vá lá, Amber, não sejas assim.

Assim como? Eu mesma? Com a minha rebeldia natural? Com a minha maneira de ser que ela não conhecia? Não verdadeiramente. Não desde os últimos dois anos.

E, apesar disso, não suportava que ela olhasse para mim daquela forma. Como se a minha maneira de ser fosse o motivo pelo qual me abandonara.

Obrigui-me a sorrir e dei outra dentada no hambúrguer. O pedaço rebolou pela garganta e foi aterrar no estômago com um ruído surdo.

— Mal posso esperar por conhecer toda a gente — menti, por entre pedaços de carne.

Se a minha mãe pensava que eu passaria o nosso precioso verão a suspirar por rapazes americanos, então estava muito enganada.

Há muito que a Amber tem a certeza de uma coisa: o amor é uma missão impossível!

Ruiva, alta e sem papas na língua, a Amber está a caminho de São Francisco, onde passará o verão com a mãe, depois de dois anos sem se verem. O seu desejo é reatar os laços que se perderam quando a mãe, alcoólica em recuperação, a deixou para trás.

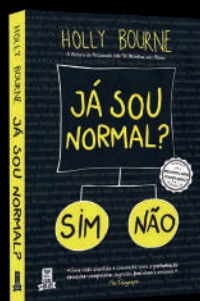
Ao chegar, a Amber conhece o Kyle, o Mister Popularidade com fama de quebra-corações. Por muito que tente evitá-lo, a Amber não pode negar que ele a tem apoiado nos seus momentos mais difíceis, mas pode uma feminista convicta sentir-se atraída pelo típico Rei do Liceu? É a receita para um desgosto, na certa!

Este será um verão marcante, que ensinará a Amber a repensar os seus preconceitos e a fazer as pazes com o passado, para que possa encontrar o amor que tanto deseja.

Um romance onde nada é o que parece.

Com humor e realismo, aborda a prisão dos estereótipos de género, a masculinidade tóxica, os ecos do abandono e o impacto do alcoolismo no seio familiar, provando que o feminismo pode ser a solução para criar empatia com os outros.

Lê também:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

penguinlivros.pt

[f](https://www.facebook.com/topseller.editora) [i](https://www.instagram.com/topseller.editora) topseller.editora

ISBN 9789896235628



9 789896 235628 >